

VINICIUS LUMMERTZ

Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo

Classe média de joelhos

Há uma palavra que parte da esquerda brasileira ainda pronuncia quase como ofensa: burguesia. “Pequena burguesia” também foi usada durante décadas para diminuir justamente quem conseguia subir alguns degraus na escala social: o pequeno comerciante, o profissional liberal, o autônomo, o trabalhador que acumulava algum patrimônio.

É uma deformação histórica. A ascensão burguesa ajudou a derrubar o absolutismo e os privilégios hereditários; mais tarde, milhões de trabalhadores ascenderam e formaram as grandes classes médias sobre as quais a Europa do pós-guerra construiu parte importante de sua social-democracia. Não bastava proteger o trabalhador, era preciso permitir que ele subisse, poupasse, formasse patrimônio e conquistasse liberdade de escolha.

O Brasil parece ter esquecido esse objetivo. Construimos uma sociedade de consumo de massa sem construir uma sociedade de renda de massa. A modernidade chegou às vitrines, aos supermercados e às concessionárias, mas não, na mesma proporção, à renda das famílias.

A comparação com os Estados Unidos ajuda a revelar a distorção. A renda domiciliar mediana americana alcançou US\$ 83.730 anuais em 2024 e, além de ganhar muito mais, o consumidor encontra impostos sobre o consumo e juros menores. Um Toyota Corolla 2026 de entrada custa cerca de US\$ 23.100 nos Estados Unidos e US\$ 33.400 no Brasil, aproximadamente 44% a mais; um iPhone 16 de 128 GB, US\$ 829 contra cerca de US\$ 1.330, diferença próxima de 60%.

O brasileiro ganha muito menos, paga mais pelos mesmos produtos globais e, quando precisa financiá-los, encontra juros várias vezes superiores. Mesmo no consignado do INSS, de risco baixo, as taxas ficam próximas de 20% a 25% ao ano; no cartão rotativo, chegam a centenas por cento. Como formar patrimônio assim?

GENERAL PAZUELLO

General do exército e político brasileiro

Nunca antes, na história do Brasil, os empresários sofreram tanto

Desde o início do terceiro mandato do atual presidente, em janeiro de 2023, o ambiente corporativo brasileiro enfrentou forte volatilidade e estresse financeiro. Embora indicadores macroeconômicos gerais — como a taxa de desemprego e o crescimento do PIB — tenham demonstrado resiliência em determinados momentos, o setor empresarial viveu ondas sucessivas de inadimplência e endividamento severo.

O momento de maior fragilidade para as empresas concentrou-se entre o final de 2023 e o ano de 2024. A combinação de juros básicos elevados (com a Selic mantida em patamares restritivos pelo Banco Central para conter a inflação) com o encarecimento do crédito sufocou o caixa corporativo.

Em 2024, o país bateu o recorde histórico de pedidos de recuperação judicial (RJ) desde o início da série temporal da Serasa Experian em 2005. Foram registrados mais de 2.200 requerimentos no ano, representando um salto superior a 60% em relação a 2023. O

volume de CNPJs negativados também atingiu marcas históricas, ultrapassando 7 milhões de empresas inadimplentes.

Os fatores centrais que catalisaram esse cenário incluem, o encolhimento do crédito privado e a escassez de liquidez para médio e longo prazo. São visíveis a pressão de custos operacionais e a desaceleração do consumo das famílias em bens duráveis.

A crise afetou desde gigantes varejistas e concessionárias até o agronegócio e a indústria de transformação, tais como Lojas Americanas (recuperação judicial pedida em Jan/2023, com a revelação de inconsistências contábeis de R\$ 20 bilhões que iniciou o efeito dominó no crédito.

Já a famosa Livraria Cultura, teve sua falência decretada em 2023, encerramento definitivo de operações após anos de tentativas de reestruturação.

123milhas, Light, Oi, Polishop, Agrogalpões e, a mais recente, Casas Bahia, amargaram prejuízos gigantes e

tam uma descapitalização que atinge justamente quem deveria protagonizar a mobilidade social: trabalhadores, profissionais liberais, autônomos e pequenos empresários.

A China, por outro caminho, retirou cerca de 800 milhões de pessoas da pobreza extrema combinando crescimento, investimento, industrialização, infraestrutura, produtividade e empreendedorismo. O Brasil criou expectativas de prosperidade sem construir suficientemente as condições para sustentá-la.

E aqui está uma questão que deveria ocupar o centro da política brasileira: por que nenhum grande partido ou candidato à Presidência coloca entre os objetivos nacionais a construção de uma sociedade majoritariamente de classe média, estabelecendo metas de renda, produtividade, poupança, patrimônio e mobilidade social? Talvez porque isso exigisse enfrentar impostos elevados, juros proibitivos, baixa produtividade, desperdício público, privilégios e estruturas que se beneficiam do modelo existente.

O problema brasileiro não é termos burgueses demais, mas classe média de menos. Democratizamos o acesso ao consumo sem democratizar na mesma velocidade a formação de patrimônio, deixando milhões de brasileiros numa situação em que consumir tornou-se possível, mas poupar, investir e adquirir ativos continua extraordinariamente difícil.

É essa a classe média de joelhos: paga impostos elevados, compra novamente serviços que o Estado não lhe entrega adequadamente, paga caro pelos produtos, financia a juros altos e ainda é constrangida pelo pouco que conseguiu acumular. Enquanto isso, milhões de brasileiros tentam chegar até ela.

Talvez a pergunta mais importante a fazer aos candidatos à Presidência seja, portanto, muito concreta: qual é o plano, com metas e prazos, para fazer do Brasil uma sociedade majoritariamente de classe média?

ARISTÓTELES DRUMMOND

Jornalista e escritor

Lembrando Rubens Berardo

Neste período eleitoral cabe sempre uma palavra de lembrança de brasileiros que se dedicaram à vida pública com idealismo e cordialidade, dando mais do que recebendo.

O Rio de Janeiro teve vários, em que destacaria por ser pouco lembrado o deputado por dois mandatos e vice-governador da Guanabara Rubens Berardo.

Nascido em Pernambuco, filho de tradicional família, ligou-se pelo casamento à outra família pernambucana de relevo, Bezerra de Melo, vindo para o Rio ainda jovem, onde fundou as rádios Continental e Metropolitana e depois a Televisão Continental, emissora do futebol e do jornalismo, pioneira no gênero.

Eleito deputado federal em 1954, dedicou-se à

vida pública, atendendo a uma vocação e especial qualificação. Logo se tornou referência entre os demais políticos, com trânsito em todas as áreas em função de uma personalidade amena, educada, generosa e de bom senso. Na sucessão de Calos Lacerda, foi nome de união dos trabalhistas e do centro democrático não alinhado com o belicoso Lacerda. Era o preferido das bases do PTB, mas em nome da união cedeu espaço para a composição com o PSD de Negrão de Lima, que havia sido prefeito da cidade, com JK e unificou o partido que teve postulantes barrados pela legislação criada pela Revolução, como nos casos de Hélio de Almeida, por ter sido ministro de Goulart, e Henrique Lott, por ter levado o domi-

cílio eleitoral para Teresópolis. Sua casa, que tive o privilégio de frequentar na minha iniciação nas coisas da política carioca, foi o centro da campanha que consagrou a chapa Negrão-Berardo.

Na Câmara dos Deputados, nas duas legislaturas, formou sempre entre os de maior relevo nas grandes decisões. Seu prestígio não era pelo mandato pela Guanabara, mas pelo trânsito nas bancadas do PTB e outros partidos em todo o país.

Na vida pessoal, foi pai de oito filhos e grande companheiro da mulher, Anita Bezerra de Melo. Representou, assim, o que de melhor poderia haver como homem público exemplar.

Saudades de Rubens Berardo!!!